

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ENTREVISTA REALIZADA COM O PROFESSOR PAUL CLAVAL, NO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PELO PROGRAMA ESPECIAL DE TREINAMENTO DA GEOGRAFIA (PET/CAPES/GEOGRAFIA), EM OUTUBRO DE 2002.
Diretoria AGB -PA

Boletim Gaúcho de Geografia, 28: 277-291, jul., 2002.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/40075/26504>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jul., 2002

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

PAUL CLAVAL

ENTREVISTA REALIZADA COM O PROFESSOR PAUL CLAVAL, NO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL, PELO PROGRAMA ESPECIAL DE TREINAMENTO
DA GEOGRAFIA (PET/CAPES/GEOGRAFIA), EM OUTUBRO DE 2002.

PRIMEIRA PARTE

1. *Qual a importância que adquire a Geografia Cultural, atualmente, com o ressurgimento da abordagem cultural pela Geografia? Ela assume o papel de reação frente às tradicionais formas de análise fortemente condicionadas pela supremacia da análise econômica?*

Um papel de reação não. Não, porque somente começo a trabalhar no domínio da Geografia há quarenta anos, sob o domínio da Geografia Econômica. Acho que é fundamental ter conhecimento sobre a vida econômica, sobre os mecanismos de mercado, sobre a idéia de procura, sobre a oferta. Acho que são fatos importantes para entender a realidade. Mas quando eu trabalhei com as ferramentas intelectuais da Geografia Econômica, nos anos de 1960, 1970, descobri que estes tipos de instrumentos não davam para uma parte da realidade, da realidade econômica.

Trabalhei, por exemplo, sobre uma zona de fronteira entre a França e a Suíça, a Franche-Comté. É uma zona onde o desenvolvimento industrial foi muito importante desde a metade do século XIX. Mas quando eu pensei em utilizar os modelos clássicos, Weber, por exemplo, com a localização industrial, não funcionavam. Não funcionavam porque nessa região os problemas essenciais foram os problemas da introdução da inovação, que não é um problema central na Geografia Econômica Clássica. Mas para entender o desenvolvimento da indústria de relógios (é a zona mais importante deste setor), o problema não é de matéria-prima ou de fontes de energia; não se necessita grandes quantidades de metal. É um problema de técnica. Toda a explicação foi sobre os processos da difusão de uma inovação que se fez na cidade de Genebra, no século XVII e início do século XVIII. E foi um processo longo, porque é difícil entender como construir de uma maneira artesanal esse tipo de relógio (relógio de

pulso). E o resultado é a necessidade de se estudar também os dados culturais. O problema para entender a distribuição da indústria de relógios, nesta parte da França, foi entender os caminhos das influências a partir da população protestante. A inovação vem de Genebra, a capital das populações protestantes de língua francesa, não da França, ou seja, na capital da Reforma Evangélica, e uma parte da inovação vem desse caminho.

E também existe nessa região um outro tipo de indústria: a indústria de automóveis Peugeot. É interessante porque é também um problema da Geografia essa formação resultante em uma fábrica de automóveis Peugeot em uma região luterana, a única região luterana de língua francesa com vinte mil habitantes, a região de Montbéliard. Existem também, nessa região, outras minorias religiosas, menonitas, na França é "Anabatistas", e evangélicos. Os menonitas foram o meio dos inovadores do campo e da agricultura e no meio da agricultura estariam fora os "Anabatistas". E no campo da indústria, os inovadores foram os evangélicos, com todas as grandes famílias de evangélicos, os Japy, que foram fabricantes de grandes relógios e máquinas de escrever, ou os Peugeot. Os Peugeot fabricavam tecidos no séc. XVIII, foram fabricantes de relógio no começo do séc. XIX e depois de ferramentas de aço e, finalmente, automóvel. Mas o problema não foi um problema de localização para a busca de custos mínimos, foi um problema de encaminhamento e das informações a partir de zonas de inovação.

Acho que não existe uma posição entre a abordagem econômica e a abordagem cultural. Para mim são duas partes complementares, mas não completamente diferente da Geografia. Acho que para entender a localização das fábricas de produtos pesados no período da industrialização, por exemplo, os modelos de tipo econômico clássico são perfeitos. Mas no caso da região que eu estudei trinta anos atrás, os problemas não foram problemas clássicos, foram problemas de inovação e criação de novas regiões industriais, da criação de novas técnicas. Para o entendimento e para a explicação desse tipo de problema, outros tipos de abordagens foram necessários. Acho que para uma grande parte dos geógrafos com uma abordagem marxista, a idéia foi que a cultura não é tão importante. Para eles, o que era importante eram as infra-estruturas econômicas e a cultura aparecia como uma superestrutura; para eles o estudo da cultura não foi uma parte importante da explicação; para eles os problemas foram problemas de equipamentos, problemas de investimentos. São problemas reais, mas investir por quê Para fabricar, para fabricar produtos? Que tipos de produtos? O que é importante é entender a razão por que existe uma procura desses produtos e explicar a maneira então para desenvolver o consumo desse tipo de produtos. O problema é de inovação. O problema de desenvolver um sistema já clássico é um problema diferente. Os geógrafos marxistas não tinham uma abordagem para explicar os problemas de inovação e de difusão.

Quando você analisa problemas da economia, existe sempre uma dimensão cultural incluída nos processos econômicos, a dimensão da cultura, os tipos de culturas que você escolheu consumir. Por que utilizar um carro Volkswagen? Por que utilizar um carro Fiat? Por que utilizar um veículo do tipo quatro portas? Não é um significado puramente econômico, uma maneira de o homem de ter uma imagem um pouco de "gaúcho". Sim, não é completamente econômico, é um problema diferente, é um problema cultural. Acho que para entender completamente os problemas econômicos que existem é preciso fazer um par importante com a cultura. Então não existe uma oposição. Acho que a crítica contemporânea da abordagem cultural que eu defendo vem de uma falta de informações exatas sobre ela da parte de geógrafos da inspiração marxista.

Como exemplo, no mês de julho 2002, um colega francês, Boris Grésillon, publicou um livro muito interessante sobre Berlim, capital cultural: um livro fascinante sobre a história da influência cultural de Berlim ao final do séc. XIX, o período do esplendor de Berlim nos anos vinte, o declínio com o nazismo e o comunismo, e depois a proliferação das inovações desde da queda do Muro. No primeiro capítulo de seu livro, Grésillon fez uma crítica violenta da Geografia Cultural do Professor Claval: para ele, eu não dava um papel bastante importante às condições econômicas da cultura! Eu encontrei Grésillon no Festival Internacional da Geografia em Saint-Dié e falamos; falamos por uma hora ou duas e ficou evidente que ele não conhece realmente as novas orientações da Geografia Cultural. A sua hostilidade foi uma hostilidade a uma concepção da abordagem cultural já passada. E depois da discussão, ele me disse: acho que o primeiro capítulo não foi necessário para a minha interpretação de Berlim como capital cultural. Foi verdade: a concepção moderna da abordagem cultural não é muito diferente do tipo de explicação que no ensaio ele desenvolveu.

Na minha resposta, não: geografia cultural e geografia econômica são dois domínios que são necessariamente opostos, são domínios complementares, onde geralmente a dimensão cultural é uma dimensão primeira, para entender os mecanismos econômicos. Ao compor na primeira o que a gente deseja, acho que é fundamental.

2. Aproveitando essa explicação do Sr., o Sr. diz que a gente primeiro pega a dimensão cultural para entender uma dimensão econômica. No caso do fundamentalismo Islâmico, não seria primeiro uma dimensão econômica, o interesse econômico de líderes, que se aproveitam de uma religião, de um fundamentalismo?

Acho que as reações do mundo muçulmano à ocidentalização são de origem já antiga: desenvolveram-se desde os anos vinte, com a fundação dos "Irmãos Muçulmanos", no Cairo, no Egito. E acho que é um problema que resultou de uma forma de progresso, de transformação que os países muçulmanos não foram

capazes de ter. Foram, durante todo o século XIX, ensaios da pátria do Egito, da pátria da Turquia, da pátria da Tunísia, para desenvolver uma economia em uma sociedade moderna. Ensaios de uma modernização no tempo onde o Japão se modernizou. No Egito, os primeiros esforços de modernização datam do ano de 1830, já há quase dois séculos.

Existe, nos trabalhos de Marx, um livro sobre *A Ideologia alemã*, um livro que foi escrito em 1846 e publicado somente em 1940, praticamente um século depois. Na *A Ideologia Alemã*, a idéia geral é a seguinte: na Inglaterra, uma Revolução Industrial se desenvolveu; na França, uma revolução política se desenvolveu; na Alemanha não existia, no começo do séc. XIX, uma revolução econômica, não existia também uma revolução política. E o resultado foi para a inteligência alemã desenvolver a posição seguinte: nós somos atrasados no campo da economia, nós somos atrasados no campo da vida e das instituições políticas, mas nós estamos adiante de todas as outras civilizações no campo da filosofia e no campo da moralidade.

A análise deste tipo de reação composta por Marx tem um significado geral: acho que a reação dos humanos à modernização, quando não conseguem empregá-la, é uma reação de despeito e de compensação intelectual: somos atrasados no campo econômico, somos atrasados no campo político, mas somos os portadores dos valores mais nobres da humanidade! O ocidente é rico, mas hoje não tem uma boa moralidade. Nesses países, a gente afirma que o seu regime matrimonial é a monogamia, mas pratica uma monogamia seqüencial! Somos pobres, mas a nossa situação moral é fundamentalmente sã. É uma atitude que se desenvolveu já nos anos vinte.

Existe um livro muito interessante, de um filósofo e sociólogo marroquino sobre a ideologia árabe: é um comentário da ideologia alemã, mas aplicada à situação da África do Norte, do Egito, da Turquia; é uma análise deste tipo de reação. Mesmo porque esse tipo de reação é uma reação normal num processo de modernização quando você não tem a capacidade de desenvolver uma posição de frente, no domínio político, no domínio econômico: "Sim, é verdade. Não somos os primeiros no campo da economia, não somos os primeiros no campo da política, mas nós somos os primeiros no campo da filosofia, no campo da religião". É essa reação que é a origem dos fundamentalismos. É a primeira dimensão e acho que não em questão de termos econômicos dos países desenvolvidos; é sim uma reação que já existia no séc. XIX, que estava presente no começo do séc. XX no Egito.

Acho que o problema do Irã, por exemplo, foi um problema dramático. Quando eu visitei o Irã quatro anos atrás, tive a ocasião de ouvir uma comunicação sobre a história das civilizações, uma comunicação muito interessante, porque era parte do programa da "Associação para o desenvolvimento do diálogo entre as civilizações", que é uma organização oficial do Estado iraniano. E a tese foi muito certa: existem

só três civilizações. Porque: o que é uma civilização? Uma civilização é uma sociedade onde desde o começo da história a gente usa as mesmas línguas, temos a mesma filosofia, e tem uma organização política autônoma. E para os iranianos são fundamentalmente três civilizações: (1) a civilização chinesa que há quatro milênios tem uma identidade religiosa e cultural; (2) a civilização grega onde existe uma língua que se fala há três milênios e meio, existe uma tradição religiosa desde o começo da Igreja ortodoxa no séc. III ou IV; existe também uma identidade política, mas menos contínua que no caso da China; e (3) a civilização iraniana, que existe desde o tempo do Imperador Assírio Dário: dois mil e quinhentos anos com uma mesma língua! E as pessoas no Irã entendem a língua usada pelos poetas no começo do séc. IX, por volta do séc. X, do séc. XI, e conhecem as suas obras. Num país onde todas as elites consideravam que o Irã pertence ao pequeno clube dos países de grande civilização, este tipo de país não poderia viver com a idéia do fracasso no domínio econômico e acho que a revolução extremista é fundada essencialmente sobre esse tipo de reação.

Existem também interesses econômicos, sim, é verdade. Eles têm medo da guerra do Afeganistão. Os americanos foram geralmente felizes de confiar aos grupos islâmicos a luta que vem no Afeganistão. Os interesses econômicos árabes financiaram parcialmente o suporte americano que foi um suporte a uma parte do fundamentalismo, o fundamentalismo de tradição não-xiita. Sim, existe uma relação dos interesses econômicos americanos com o fundamentalismo do tipo salafista da Arábia Saudita, mas não com o fundamentalismo xiita do Irã - e esta relação permanecia limitada.

O problema do fundamentalismo é um problema mais real, é um problema que existe desde o começo da revolução industrial, da revolução política do mundo moderno: é normal buscar uma superioridade no campo das idéias quando você não tem a possibilidade de desenvolver uma superioridade nos campos da política ou da economia. É uma interpretação, a minha interpretação.

3. Falam da Geografia da Informação no sentido de grafia da informação, onde a revolução informacional, trazida principalmente pelas novas técnicas eletrônicas em meios de comunicação, nos remete a uma maior possibilidade de acesso ao conhecimento mesmo que emitido em partes, fragmentado rapidamente sem elos significantes. Mesmo assim, de uma certa forma, esse movimento não gera uma democratização do conhecimento já que, em nosso tempo, é cada vez maior a concentração e aglutinação dos meios de manutenção do poder, entre eles o conhecimento. O poder esteve historicamente ligado à propriedade do conhecimento, principalmente o conhecimento geográfico. Enquanto as informações chegam "democraticamente" aos lares por meios de televisores, ou rádio, tornamo-nos cada vez mais agentes passivos ou receptores da informação, objetos e não sujeitos, ou

seja, as decisões tornam-se cada vez mais centralizadas e hierarquizadas, verticalizadas no caso. A oferta da possibilidade de conhecer não estaria, de certa forma, saciando a necessidade do modificar?

A revolução informacional cria uma ameaça de manipulação e de controle por grupos que têm uma posição dominante nas novas redes de comunicação, é verdade. Mas as possibilidades abertas pela revolução informacional são tão complexas que elas têm de ser exploradas minuciosamente.

É importante também entender a difusão de muitos tipos dos conhecimentos: essencialmente os conhecimentos sobre as técnicas de produção. É mais fácil desenvolver fábricas, usinas, uma rede econômica no Brasil hoje do que 50 anos atrás. Isso porque a formação dos operários e dos técnicos é uma formação mais científica; a parte da aprendizagem é mais reduzida que no passado. Está certo! Acho que o resultado é uma maior homogeneização das possibilidades que o desenvolvimento apresenta, às vezes. Nos países industrializados, é uma consequência disso, desse tipo de liberação através de novas possibilidades de produção.

O segundo aspecto das novas possibilidades de conhecimento é a transformação do conteúdo nas culturas populares, culturas vernáculas, com uma falta das técnicas produtivas, uma falta dos hábitos que funcionam quando transmitidos localmente. As técnicas produtivas locais estão desaparecendo por causa do progresso técnico e das novas possibilidades de difusão. O resultado é um empobrecimento das culturas populares.

O problema da revolução informacional resulta também da transformação das formas, dos tipos de consumo. Um dos aspectos da mundialização, da globalização é a expansão do consumo e sua homogeneização: todos praticamente têm "jeans", é um uniforme, uma vestimenta comum em escala mundial, uma revolução dos 40 últimos anos. Também há um sucesso da comida do "McDonald's", é um fenômeno. Acho que esse tipo de evolução é responsável por um empobrecimento cultural de uma parte da humanidade, de uma proletarianização do território.

Quando a gente fala de proletariado, o proletariado não deixou uma categoria com uma renda baixa. Acho que é uma categoria sem conhecimentos importantes para desenvolver atividades de cunho prático, para desenvolver formas de economia doméstica. Essas formas de economia doméstica são muito importantes para cozinhar, para vestir a gente, para construir ou melhorar a casa. Todos esses aspectos estão desaparecendo, só tem um empobrecimento dramático: acho que é um aspecto muito triste da evolução cultural.

Acho que quando você analisa a dinâmica do conhecimento, a dinâmica da inovação, existe uma geografia da inovação nas sociedades tradicionais. A inovação foi localizada, muitas vezes, nas cidades com possibilidades de desenvolver conhecimentos especializados. Foi importante a presença para a inovação artística de museus, para a atividade no campo científico, a presença de bibliotecas, etc.

Hoje a situação é diferente porque a gente pode utilizar a rede da "internet", ter acesso a todos os museus do mundo. Você pode olhar uma parte das pinturas dos museus americanos, ingleses, nos acervos que estão no computador: é uma situação realmente nova. Acho que é mais fácil desenvolver atividade de caráter criativo nas pequenas localidades, que é mais fácil ter acesso às fontes fundamentais nesse tipo de localidade.

São também as atividades de criação atividades de concorrência, atividades de alta competição. O resultado é que o papel dos seres humanos, o papel das pessoas permanece importante. Quando você lê nos jornais a vida dos autores e dos artistas, você descobre o papel importante das redes de relações entre os autores e os artistas. A vida desses grupos é hoje normalmente organizada sob o modelo seguinte: em uma parte do ano passam na aldeia, trabalhando, banhando-se no verão, esquiando no inverno, etc; uma outra parte passam numa grande cidade, visitando outros artistas, usando a cidade para organizar uma exposição e visitar as exposições dos colegas, para o lançamento de livros. Existe hoje uma nova possibilidade de ter vantagem de contrastes entre muitos lugares, os da paz, da reflexão e do trabalho e os dos encontros e da concentração das cabeças. Uma concentração que é importante também porque a criatividade é resultado de competição, de concorrência e de contatos entre pintores ou autores. Acho que as atividades, por exemplo, de uma cidade como Amsterdã, estão ligadas à existência, na cidade, de uma oferta cultural diversa. Amsterdã é hoje uma cidade com grupos imigrantes que constituem minorias importantes: uma população de origem indonésia; uma população de origem antilhana; uma população marroquina; uma população turca. Existem muitas possibilidades de contato. É importante para os artistas descobrirem novos ritmos de música, novas maneiras de conceber um tipo de decoração, um estilo de vida. A existência de grandes cidades multiculturais é um elemento importante da criatividade cultural no mundo atual.

No domínio da inventividade e da criatividade técnica, parece que a concorrência é fundamental. Tenho um amigo que trabalha na empresa Alsthom que fabrica os trenós e as locomotivas para os trenós de alta velocidade franceses. Ele me disse que o problema hoje é o seguinte: no mundo desenvolvemos novas técnicas, os competidores – Bombardier, no Canadá ou Siemens, na Alemanha – sabem que, se temos a possibilidade de construir locomotivas com velocidade de cinco centenas de quilômetros, esse tipo de possibilidade existe. Os engenheiros franceses foram capazes de construir uma locomotiva de alta velocidade? Os engenheiros canadenses ou alemães devem, dentro de dois anos, desenvolver o mesmo tipo de locomotiva! Não é mais necessária, para as grandes empresa, do que comprar licenças para a competição. A concorrência é tão grande, que logo que a notícia de uma nova técnica é difundida, é suficiente para se iniciar o processo de um desenvolvimento paralelo em outras empresas. O resultado é que o mesmo tipo de

progresso técnico é cada vez mais controlado pelas grandes empresas internacionais. Acho que um dos aspectos essenciais para a inventividade técnica, por causa da concorrência, é a dificuldade de imaginar alternativas aos descobrimentos das grandes empresas. Quando a gente fala de pistas alternativas de desenvolvimento, é fácil dizer: "existem outras pistas, pistas alternativas". Mas para desenvolver outras pistas precisa-se de um investimento muito importante nas pesquisas: geralmente não existe a possibilidade de se construir facilmente um outro tipo de desenvolvimento e que se podia imaginar para passar da idéia para a realidade. É lógico que não existem muitas possibilidades semelhantes, porque cada uma é muita custosa.

4. Na questão do retorno da Geografia Cultural, queria puxar um pouco para o viés ambiental. No caso, paralelamente ao retorno da Geografia Cultural, surgiria uma nova proposta de desenvolvimento. O Sr. acabou de falar agora que não teria uma proposta clara, e essa proposta seria a proposta do ecodesenvolvimento cuja base seria a utilização de etnotécnicas, que seriam um resgate de informações culturais locais, de cada região. Só que a própria atualidade reflete uma troca cultural informacional muito imposta pelos países ricos, que atenua os limites culturais. Então queria saber de que forma essas culturas podem ser estudadas, podem ser preservadas e se essa proposta de ecodesenvolvimento seria somente uma nova readaptação à economia que nem foi no plano de desenvolvimento sustentável, ou se é realmente uma nova visão da questão ambiental, que estaria associada a esse surgimento dessa valorização da cultura, junto com a Geografia Cultural?

Penso que as sociedades tradicionais não tinham sistematicamente sistemas econômicos sustentáveis. É uma utopia. Existiam, para uma parte das sociedades tradicionais antes da revolução industrial, problemas de poluição. O grande problema do passado não foi só o problema de capacidade de produção: foi o problema de poluição. A poluição da água foi um problema permanente das aldeias na França do passado, com um índice de mortalidade – e mais precisamente da mortalidade infantil – muito grande: geralmente esse é um aspecto completamente esquecido nas fraquezas da sociedade tradicional. Existiam, muitas vezes, zonas de doenças ligadas ao tipo de economia local que mostravam que a possibilidade de um desenvolvimento realmente sustentável não se encontrava realmente. Acho que existe uma prudência - que se necessita ter - sobre a idéia de sustentabilidade nos sistemas tradicionais; necessita-se também de um trabalho de pesquisa sobre esse problema.

Um dos aspectos fundamentais da volta da abordagem cultural na geografia é o seguinte: até vinte anos atrás, a Geografia apareceu como uma atividade puramente intelectual e a constituição da Geografia como o monopólio de uma categoria específica de especialistas. Com a abordagem cultural, a perspectiva

mudou. Todos os grupos – não só os geógrafos “científicos” – desenvolvem técnicas de orientação, técnicas para ter divisões administrativas, etc. Cada grupo custou a construir a sua geografia. Uma parte dos estudos da geografia cultural atual é de estudos para entender a geografia das sociedades tradicionais, para entender a geografia nas classes mais baixas, nos grupos marginais, e para explorar os conhecimentos já estabelecidos nessas sociedades sobre as fraquezas do meio ambiente e as dificuldades para o cultivar. No resultado, a geografia cultural aparece como uma ferramenta interessante para esse tipo de análise, pois freqüentemente, nas sociedades tradicionais, tipos de conhecimentos como esses são muito interessantes para essa sociedade e, atualmente, para toda a humanidade. Todas as pesquisas da Mesopotâmia mostram que os conhecimentos sobre as propriedades farmacológicas das plantas estavam já quase científicos. Esse tipo de conhecimento é muito importante: uma parte, por exemplo, da pesquisa sobre os novos medicamentos busca hoje descobrir plantas com propriedades químicas interessantes. A única e melhor maneira hoje de observar e de desenvolver esse tipo de conhecimentos é utilizar os dos povos tradicionais. Não é uma operação honesta, é uma operação desonesta - um pouco uma operação de roubo intelectual. Cada uma dessas sociedades tradicionais tem um tipo de conhecimento muito importante para a totalidade da humanidade de hoje. O uso desse conhecimento não paga o seu valor normal.

Uma parte importante da nova geografia cultural analisa todos os tipos de geografia na sociedade tradicional. Penso que esse tipo de conhecimentos é necessário para construir geografias sustentáveis na sociedade moderna. Não penso que o modelo das sociedades tradicionais é um modelo geral do desenvolvimento sustentável, mas é um modelo que oferece pistas originais para se chegar ao desenvolvimento sustentável nas sociedades contemporâneas.

Não existe uma contradição entre a idéia de uma geografia ecológica ambiental e a idéia de uma geografia cultural. A abordagem cultural não é um domínio fechado. É um método para descobrir novas pistas e é muito importante para entender todos os domínios da geografia tradicional e para construir uma geografia respeitadora dos limites ambientais.

SEGUNDA PARTE

5. No seu livro “A Geografia Cultural”, o Sr. faz a seguinte colocação: “Na medida em que a lembrança das ações coletivas fundem-se aos caprichos da topografia, às arquiteturas admiráveis ou aos monumentos criados para sustentar a memória de todos o espaço torna-se território”. Nesse sentido, podemos visualizar o processo de globalização econômica e a conseqüente “padronização” dos hábitos de consumo e de comportamento como um elemento que torna cada vez mais complexa a idéia de território, já que a idéia de todos os lugares em um só lugar

possibilita ao indivíduo uma identificação espacial cada vez mais fácil, independentemente de onde ele esteja.

Vou falar essencialmente do papel da paisagem e da sua evolução na identificação espacial dos indivíduos.

Eu acho que a diferenciação tradicional do espaço foi essencial no desenvolvimento de sentimentos de identidade. A diferenciação das paisagens agrárias, a construção de cidades com muitos monumentos foram aspectos centrais no processo de diferenciação dos territórios. Com a globalização, essa diferenciação é ameaçada e nascem diferentes reações. Uma primeira reação é a de lutar para preservar os fundamentos tradicionais das identidades regionais e territoriais. Acho que o sucesso da idéia de um patrimônio e das políticas de tombamento - inicialmente concebidas para o tombamento de monumentos históricos - para tombar paisagens naturais, para tombar paisagens culturais, o sucesso dessa política é um testemunho das reações contra esta uniformização. Mas é uma reação que geralmente vem da classe média ou da aristocracia, essencialmente. Para a parte mais pobre da população, tombar monumentos históricos ou paisagens culturais não tem uma grande significação, pois o que é importante é ter uma renda suficiente para alimentação das crianças! Os problemas são problemas fundamentais da economia cotidiana. As políticas de patrimônio são políticas de classes mediais. São também políticas com uma vertente comercial importante, porque cidades com áreas centrais tombadas, com antigos casarões, aparecem como muito interessantes para os visitantes, para os turistas. Uma parte das políticas de desenvolvimento econômico na Europa Ocidental é baseada sobre esse tipo de política, não para a preservação da originalidade, mas para o desenvolvimento econômico através do turismo.

Acho que não se pode evitar uma parte da uniformização das paisagens. Mas no campo da agricultura na Europa Ocidental, as paisagens tinham um caráter, uma originalidade que estava interligada à dimensão, ao tamanho das fazendas, fazendas de 10, 15, 20 hectares com campos de tamanho reduzido que davam às paisagens um caráter mais humano, mais fácil. Mas não é possível manter esse tipo de propriedade. Para viver em uma pequena fazenda, você tem de receber subsídios e comercializar a sua produção em mercados onde se podem vender produtos de alto valor - numa grande cidade. Quando você produz trigo, milho, soja para o mercado mundial, não é possível manter um sistema econômico com fazendas de 10 ou 15 ou 20 hectares. Uma parte importante das formas tradicionais do território rural vai desaparecer durante os últimos 20, 30, 40 anos.

Acho que as territorialidades do futuro não poderiam ser construídas seja sobre as formas tradicionais da paisagem, seja sobre o sentido da identificação com um lugar particular, uma zona muito pequena - vivemos em uma sociedade de alta mobilidade. Novas formas de territorialidade têm de ser desenvolvidas.

Um conceito que já existe, os processos já existem. A construção da territorialidade nacional no século XIX foi baseada sobre o uso dos testemunhos da história, utilizando os monumentos do passado. Existem possibilidades de organizar novas cenografias, novas formas de organização espacial.

Acho que o papel da geografia é, hoje, analisar este tipo de estratégia, porque é a única estratégia que permanecerá no futuro. É mais de analisar este tipo de estratégia que de se focalizar, enfatizar demais os problemas da conservação, da preservação do patrimônio. Não se poderia conservar o patrimônio sobre toda a Terra. O mais importante é desenvolver novas maneiras de dar uma forma material à memória coletiva. A gente tem de definir novos tipos de monumentos, novas formas de imagens. Um trabalho deste tipo foi feito nos EUA, entre 1950 e 1990, por John Brinckerhoff Jackson. Ele sublinhava o significado da vida cotidiana, não do passado, mas da vida cotidiana de hoje, da vida cotidiana das zonas pobres dos Estados Unidos e da sua cultura vernacular. O equivalente brasileiro é o Brasil das favelas, das vilas. É importante porque são formas de territorialização nas favelas e nas vilas que são elementos interessantes para a construção de identidade e acho que é importante para os geógrafos desenvolver uma curiosidade para essa compreensão de um novo modo de territorialização.

6. *O Sr. usa dois conceitos no livro "A Geografia Cultural", que são os conceitos de coletividade e comunidade. Na atualidade, qual a fronteira entre coletividade e comunidade?*

Geralmente, a oposição é mais entre sociedade e comunidade. Na sociologia e nas Ciências Sociais é uma oposição que foi apresentada pela primeira vez pelo sociólogo alemão Tönnies, ao final do séc. XIX. E a idéia da comunidade foi como uma utopia para muitos sociólogos, antropólogos e geógrafos. Existe um trabalho fascinante de um geógrafo americano que mora na Dinamarca, Kenneth Olwig. Ele trabalha sobre a história da idéia de paisagem e sobre a história da paisagem como expressão da comunidade - da comunidade local. Para ele, a primeira forma da palavra paisagem foi a que se encontra na Holanda e em toda orla costeira do Mar do Norte, numa zona onde a organização política foi, no período medieval, uma organização em pequenas unidades políticas, que foram as comunidades. E Tönnies foi um sociólogo da zona fronteira entre a Alemanha e a Dinamarca, na província do Schleswig-Holstein, onde este tipo de comunidade viveu até o séc. XIX. Existe para ele, e para numerosos cientistas, uma verdadeira fascinação pela comunidade.

Existia, e existe, também uma fascinação para sociedade: é uma construção racional, onde é mais fácil ter um posto; mas é uma construção fria, onde é mais difícil para gente fazer a experiência da identificação. Na comunidade, pode-se identificar uma totalidade de pequeno tamanho, que se pode facilmente conhecer;

na sociedade é mais difícil e se existe uma possibilidade de identificações locais, a identificação como a sociedade global não é automática.

A idéia de coletividade se desenvolveu mais recentemente. A literatura sobre a idéia de coletividade é facilmente ligada às experiências socialistas na ex-Iugoslávia. É a idéia de uma organização socialista que não foi baseada somente sobre uma centralização burocrática, mas sobre o desenvolvimento de cooperativas. E nos anos 60, acho que praticamente em todos os países da Europa ocidental, a idéia de um outro tipo de unidade social com possibilidade de identificação que se desenvolveu foi este tipo de unidade social: a coletividade. A coletividade tem as mesmas vantagens que a comunidade e, às vezes, esta tem um aspecto tradicional e uma herança, uma coisa que vem do passado enquanto que aquela é uma coisa que se constrói hoje, com as forças sociais e econômicas de hoje.

Acho que é uma idéia interessante, mas é um ideal. Não é, geralmente, uma coisa que se observe e se assuma como um modelo mais que um sistema de organização. Acho que analisar a história da idéia de coletividade e os exemplos do uso dessa idéia são muito importantes para o desenvolvimento de uma aplicação séria. Acho que é uma boa idéia, uma idéia que não foi completamente analisada; é um dos problemas da pesquisa no campo social e cultural de dar uma base mais rica e menos idealística à idéia de coletividade. É minha interpretação.

7. No seu livro "A Geografia Cultural", no capítulo "A Geografia do próprio homem", o Sr. fala das mudanças que ocorrem, por exemplo, da adolescência à fase adulta, onde o Sr. faz uma citação sobre a política: que o adolescente é mais radical, com idéias mais revolucionárias; quando ele passa para a fase adulta, torna-se mais moderado em relação à política. Nós temos um exemplo bem expressivo no Brasil: o principal partido de esquerda hoje passou a adotar um discurso mais moderado em relação à política e fez várias alianças com partidos ditos de direita ou liberais. Como o Sr. vê essa metamorfose em relação à política e de que forma essas mudanças podem modificar a cultura de uma sociedade, a cultura política?

Nesse capítulo, meu alvo foi analisar a interiorização dos valores. Quando se analisa a cultura, a cultura é resultado de um processo de transferência de idéias, de técnicas, de hábitos, mas a gente tem que fazer um esforço pessoal que procure construir a cultura. A cultura não é uma justaposição, a cultura tem uma estrutura e essa estrutura é individual. Ela é baseada sobre os valores culturais, sobre a ideologia, mas cada um tem a responsabilidade de aplicar os valores. Acho que, no processo de construção da cultura, o período mais importante é o da adolescência. É o momento em que não se pode permanecer com uma acumulação de idéias, uma acumulação de regras que não parecem coerentes. Necessito de fazer um esforço de clarificação: nas sociedades tradicionais esse processo de construção, de interiorização foi marcado pelos rituais

de passagem, rituais religiosos; hoje, esse processo é marcado por rituais intelectuais. Todos os estudantes têm uma experiência de rituais de passagens, pois todo o sistema universitário é um sistema de rituais de passagem, de aquisição de conhecimento, de regras.

Acho que, na sociedade atual, é o processo da internalização e procriação dos conhecimentos intelectuais e das técnicas científicas que é organizado. Nessas sociedades, o processo de internalização dos valores morais e políticos, que têm uma forma ideológica, não é bem institucionalizado. Não existe uma formação específica ao liberalismo moral e intelectual. A única forma de liberalismo que é teorizada é a econômica. Não é um problema do Estado desenvolver este tipo de conhecimento. É um processo de aquisição dos valores políticos através do funcionamento da sociedade civil: é um processo que é mal estudado, mal conhecido. Não se possui idéias sobre as políticas que podem se desenvolver nesse domínio, nos países europeus ou no Brasil de hoje.

Acho que um dos problemas da Geografia cultural é o seguinte: a Geografia, como todas as disciplinas intelectuais, foi baseada, durante o séc. XX, sobre a constituição de uma ciência que não tem interesse político nos valores, não tem interesse nas ideologias. Hoje, tem que desenvolver outro tipo de conhecimento com um lugar mais importante aos problemas de ambientação geral da vida, ao sentido da vida e à maneira desses sentidos se desenvolverem. O problema do radicalismo político dos jovens, que você analisa, é interessante, mas não condiz com um tipo de estrutura. Esse aspecto é de interesse. Uso hoje da idéia de horizonte de espera para o analisar. É, para mim, uma idéia recente. Não existe no meu livro sobre a geografia cultural, publicado na França em 1995, mas na nova edição (2003) tem um papel importante: ela dá para entender a internalização das tradições, das ideologias e das representações coletivas. Os horizontes de espera não são semelhantes há vinte ou sessenta anos!

8. O Sr. fala que são importantes o resgate histórico e a materialidade no estudo. Como o resgate histórico e a materialidade se enquadram em uma análise cultural?

Acho que para a Geografia Cultural é fundamental ter a idéia de que todo o conhecimento sobre a sociedade, sobre a ação é um conhecimento que é fundamentalmente ligado a uma realidade material. É um conhecimento que é conhecimento datado, é um conhecimento localizado. Acho que a Geografia Cultural parte da idéia de um conhecimento abstrato, geral, sem referências locais, sem realidades materiais, sem historicidade, sem geograficidade. Esse tipo de conhecimento não funciona bem e acho que a crítica mais geral que hoje podem fazer contra as ciências sociais do século XX é a de que elas ignoravam a geograficidade dos fatos sociais. Por exemplo, na Sociologia, existe hoje um grande entusiasmo pelas idéias de Giddens, o sociólogo inglês.

E o que diz Gidens? Gidens diz que os fatos sociológicos são fatos que têm uma dimensão espacial; a sociedade não existe sem bases espaciais. As sociedades sempre se baseavam em redes de relações locais e regionais; essa idéia da sociedade concebida como uma realidade geográfica não é nova para os geógrafos, mas é nova para os sociólogos. Acho que todos os conhecimentos históricos, geográficos, datados, localizados são o resultado do trabalho de pesquisadores particulares, vivendo numa situação material particular. Acho que é essa a razão por que a abordagem cultural é necessária hoje, pois uma abordagem mais abstrata, ignorando a dimensão histórica, ignorando a posição da população, é uma abordagem que não pode entender a totalidade da sociedade e do mundo.

9. Na sua obra *"Espaço e Poder"*, onde o Sr. falou sobre poliarquia como sendo grupos organizados exercendo pressão no Estado. No Brasil, analisando-se há, atualmente, uma "proliferação" de poliarquias, como os sindicatos. Isso é um sintoma de falência do Estado democrático ou é uma conscientização da população sobre os seus direitos?

Acho que é uma das tendências fortes da evolução social. Mas o desenvolvimento de um sistema de poliarquia é resultado da existência de sistemas específicos de comunicação, onde cada um pode se comunicar com várias pessoas, com pessoas que moram nas próprias localidades. Com a tecnologia moderna das telecomunicações, torna-se mais fácil organizar redes sociais que não são polarizadas todas sobre o mesmo ponto: o resultado é uma proliferação dos sindicatos e outras formas de poliarquias, tanto no interior dos países como no âmbito internacional das Organizações Não-Governamentais. E acho que, em parte, o problema político atual é um problema que está ligado à concorrência diante desse tipo de poder e do poder da hierarquia territorial tradicional.

Na França, um geógrafo político de origem grega, Georges Prévelakis, tem um longo interesse neste tipo de organização política: ele pensa entender o sistema político tradicional do Império Turco como um sistema onde existia uma diversidade de comunidades religiosas e étnicas. Cada rede dessas comunidades teve um chefe que disse que não dependeria mais diretamente do poder central, um chefe ligado à igreja ortodoxa ou um chefe ligado ao sistema religioso judeu. O resultado foi uma geografia com uma diversidade de sistemas organizados em redes. Esses sistemas de poder ignoravam hierarquias territoriais.

Referências bibliográficas

- CLAVAL, P. **La Géographie culturelle. Une nouvelle approche des sociétés et des milieux.** Paris: A. Colin, 2003.
GRÉSILLON, B. **Berlin, capitale culturelle.** 2002.

JACKSON, J.B. **Discovering the Vernacular Landscape**. New Haven: Yale University Press, 1984.

_____. **A Sense of Place, a Sence of Time**. New Haven: Yale University Press, 1994.

OLWIG, K. *Recovering the Substantive Nature of Landscape*. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 86, n° 4, p. 630-653. 1996.

_____. Landscape as a Contested Topos of Place, Community and Self. In: ADAMN, P.; HOELSCHER, S.; TILL, K. (Eds). **Textures of Place: Geographies of Imagination, Experience, and Paradox**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000. p.95-117

_____. **Landscape, Nature and the Body Politic: from Britain's Renaissance to America's New World**. Madison: University of Wisconsin Press, 2002.

PREVELAKIS, G. **Les Balkans. Cultures et géopolitiques**. Paris: Nathan, 1994.